

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-1601AP-0000>

APRESENTAÇÃO/PRESENTATION

Os estudos textuais e discursivos, tais como os que se mostram nesta edição (apenas uma ilustração do que se observa continuamente), revelam, a nossos olhos, o emaranhamento do que se chama(va) *disciplinas*, o ordenamento do caos que não podia se conservar, para a humanidade, sob pena de não ser possível compreender e conhecer. Mas as ciências humanas, em especial, passaram a fornecer umas às outras, e mesmo às ciências da natureza, um modo de olhar – aquilo que David le Breton (*As paixões ordinárias*), em sua antropologia das emoções, chamou “tatilidade do olhar”, o olhar simbólico.

Estamos imersos, lembra ele, num banho sensorial ininterrupto. “Em princípio, ele [o homem] jamais cessa de ver, de escutar, de tocar, de sentir o mundo que o entorna.” ([1998]2009, p. 215)*. Antropólogos, sociólogos, historiadores, linguistas, analistas de discurso, psicanalistas e quaisquer outros especialistas pousam o olhar sobre algo e sobre outrem para sentir, para analisar, para exercer um poder. Escreveu Le Breton: “O olhar toca o outro e este contato está longe de passar despercebido no imaginário social. A linguagem corrente o comprova: acariciamos, metralhamos, inspecionamos com o olhar, exercendo força sobre o olhar alheio” (p. 215).

Aqui estamos falando do olhar do pesquisador, do olhar especializado, suportado por teorias e cioso de um trabalho que precisa mostrar como a vida se manifesta em suas possibilidades, acertos e erros, em sua historicidade: lugar, espaço, tempo – e portanto, memória.

Assim, trazemos, no conjunto de trabalhos de nossa primeira edição de 2016, *humanidades* tocadas por olhares que, focalizando efeitos de linguagem, tematizam mundos, acontecimentos amplos ou locais, trazendo cada um uma perspectiva que afeta globalmente, nacionalmente ou em nível de comunidade.

As questões e problemas sociais são, em suma, o campo em que proliferam as linguagens, que produzem, com menos ou mais impacto, valor e experiência emocional e estética, ainda que na ciência mais objetiva.

Aqui, propomos ao olhar do outro dez temas ofertados por nossos interlocu(au)tores, dois dos quais, em sua especificidade de ensaios, convidam a uma reflexão também filosófica: o primeiro toca em humanização, refletindo sobre tecnologia e educação; o segundo pensa as emoções como afetos, num estudo sobre a semiótica das paixões, transitando pela sensibilidade pessoal afetada pelo simbolismo da substância social.

Nos oito artigos de pesquisa imbricam-se em dobras, nos vários olhares:

a) o acontecimento mundial da escolha de um novo papa para o mundo cristão e a memória que o antecipa, bem como o fenômeno da espetacularização;

* LE BRETON, David. *As paixões ordinárias*: antropologia das emoções. Trad. de Luís Alberto Salton Peretti. Rio de Janeiro: Vozes, [1998]2009.

b) o trabalho específico das ressonâncias da memória quando se pretende buscar verdades sobre um período duro da história do País (a criação da Comissão Nacional da Verdade);

c) o tópico da violência em sua prática narrativa cotidiana – um olhar sobre essa prática na Argentina;

d) o espetáculo (ou narcisismo?) em que cada um pode ser transformado, com a expansão da prática do(a) selfie pelo mundo e seu impacto subjetivo;

e) o impacto individual e social acarretado por perdas na condição corporal relativas à alteridade humana, em um estudo da afasia que trata do olhar para o outro e do olhar do outro, pelo esforço de manutenção do que faz o humano: a ligação com o sentido;

f) o passeio pela interpretação que mostra deslizamentos, distinguindo olhares, memórias e uma cultura distante, oriental, em sua plena complexidade;

g) a relação humana com o conhecimento na fase escolar: formas de subjetividade na construção textual materializando-se em elementos modalizadores; e o olhar voltado para problemas de didatização quando o outro se prepara para ter um olhar mais apurado sobre o ensino, e para aprender a dar saídas para as questões que emergem cotidianamente.

Aos leitores, para proporem seu olhar e sua avaliação sobre as experiências aqui relatadas.

Fábio José Rauén

Maria Marta Furlanetto

Editores